

REVISTA

aeasc.com

SUSTENTABILIDADE EM PAUTA





Diretoria 2011/2012

Presidente: Arq. Reginaldo Peronti
Vice de Engenharia: Eng. Carlos Alberto Martins
Vice de Arquitetura: Arq. Elizabeth Brigida Bottamed
Vice de Agronomia: Eng. Agrônomo Marco Antonio A. Balsalobre
Vice de Elétrica: Eng. Elétrico Carlos Roberto Perissini
1º Secretário: Eng. Luis Carlos Sabbatino
2º Secretário: Eng. Mauro Augusto Demarzo
1º Tesoureiro: Eng. Marco Antonio Nagliati
2º Tesoureiro: Arq. Eduardo Souza Lima
Diretor Social: Eng. Civil Márcio Luiz Barros Marino
Diretor Cultural: Eng. Civil Guilherme Aris Parsekian
Diretor de Esportes: Eng. Agr. Rodolfo Godoy
Diretor de Patrimônio: Arq. Paula Helena Castro Leandro
Suplente Diretor de Patrimônio: Eng. Civil Walter Barão França

Conselho Deliberativo

Titulares:
Arq. Caio Graco Hortensi Vilela Braga
Eng. Civil Simar Vieira de Amorim
Eng. Elétric. Marcio Borges Barcellos
Suplentes:
Eng. Civil José Elias Laier
Eng. Agrônomo Pedro Luis Cavasin
Eng. Marcos Antonio Garcia Ferreira
Eng. Civil Silvio Coelho
Eng. Civil José Eduardo de Assis Pereira
Eng. Civil André Luis Fiorentino
Eng. Civil José Bernardes Felex
Eng. Civil Suely da Penha Sanches

EXPEDIENTE

A Revista AEASC.com é uma publicação trimestral gratuita e dirigida pela Associação dos Engenheiros, Arquitetos e Agrônomos de São Carlos.
Diagramação: Criativa Marcas e Eventos
Arte: Luana Mazarim e Simone H. Dias
Redatora Responsável: Simone Helena Dias
Tiragem: 1.500 exemplares

Endereço: rua Sorbone, 400 – Bairro Centreville. CEP: 13560-760
Horário de funcionamento: 08h às 12h – 14h às 17h00
Tel.: (16) 3368-6671 / 3368-1020

Índice

AGRONOMIA

04 - Estudo avalia resistência dos parasitas de ovinos em SP

NOTÍCIAS DO CREA

05 - ART - Garantia de vantagens e dever do engenheiro

ARQUITETURA

06 - Roberto Loeb participa da 6ª SEASC

ENTREVISTA

08 - Construção sustentável agrega valor e reduz custos de operação

CULTURAL E SOCIAL

10- 6ª Semana de Engenharia Arquitetura e Agronomia de São Carlos

ENGENHARIA

14- Engenheiros e sua representatividade nos meios político, econômico e social (partel)

CIDADE

15- Memórias do Bonde em São Carlos

SOCIAL

19- Dia do Agrônomo - Confraternização do 6ª SEASC



Arq. Reginaldo Peronti
Presidente da AEASC

Caros amigos

Realizamos recentemente em nossa sede, a sexta edição da Semana de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de São Carlos. O evento ocorreu entre os 25 e 29 de setembro e atraiu um grande e variado público, que buscava informações acerca do mercado da construção civil.

O evento, que é de grande repercussão, movimentou o setor da construção civil e envolveu os setores públicos, privados e a imprensa. Este ano foi estruturado para atender não apenas aos profissionais do setor, mas também ao consumidor final, para tanto organizamos a Feira da Construção, com exposições e palestras explicativas de produtos e serviços essenciais a uma obra. Paralelamente tivemos um Ciclo de Palestras e minicursos onde os profissionais puderam abordar o conceito de construção sustentável, compreendendo melhor a sua execução, seus custos e as certificações existentes no mercado.

Contamos com a presença de profissionais renomados internacionalmente, caso do Arq. Roberto Loeb, que se destaca pelo talento e pelas obras sustentáveis, como os prédios da Natura e Mahle Metal. Contamos ainda com a Arq. Maria Fujihara que apresentou as diretrizes para obter a certificação LEED e esclareceu sobre a importância do procedimento.

O evento foi muito prestigiado por diversas personalidades, representando entidades estaduais de arquitetos e engenheiros, além de autoridades do poder legislativo e executivo municipal e o Deputado Estadual Newton Lima.

No sábado, realizamos um almoço especial para marcar o encerramento do evento e comemorar o dia do Agrônomo. Na ocasião contamos com a presença de muitos amigos da área e aproveitamos para prestar as devidas homenagens. Ressalto novamente meus sinceros cumprimentos a esses profissionais que contribuem valiosamente para o crescimento de nosso país.

A handwritten signature in dark ink, consisting of a stylized, cursive script that appears to be the name 'Reginaldo Peronti'.



Estudo avalia resistência dos parasitas de ovinos em SP

Entre 2008 e 2010, foi feito um levantamento sobre a resistência dos parasitas de ovinos aos vermífugos em São Paulo, realizado por pesquisadores da Embrapa, do Instituto de Zootecnia, da APTA (Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios) e da Universidade Federal do Paraná. Foram avaliadas 33 propriedades em todas as 16 regiões do estado.

Os ovos dos parasitas nas fezes foram contados, em seguida os animais foram vermifugados, para novamente ser feita a contagem dos ovos. Esperava-se que houvesse uma redução no número de ovos dos parasitas de 90%, mas o estudo constatou que em nenhum rebanho todos os vermífugos funcionaram ao mesmo tempo.

A resistência parasitária surge quando ocorrem falhas no uso dos vermífugos ou anti-helmínticos, principalmente porque a necessidade desses medicamentos é cada vez maior para o controle da verminose.

O levantamento também verificou que a prática de tratar todo o rebanho em intervalos curtos ainda é comum. Porém, essa prática não é recomendada, pois gera sobredose, perda de dinheiro e seleção de parasitas resistentes. "Usar um medicamento muitas vezes ao ano não garante um controle sanitário ideal", afirma a pesquisadora da Embrapa Pecuária Sudeste Simone Méo Niciura.

Os produtores também preencheram um questionário sobre manejo, com o objetivo de descobrir porque a resistência tem aumentado. As respostas indicaram alguns procedimentos errados.

O estudo concluiu que não pesar os animais e tratá-los com quantidade reduzida ou excessiva de vermífugos são as

principais causas da resistência. Segundo Simone, doses acima do recomendado levam à seleção rápida de parasitas resistentes e aumentam a resistência. Doses menores também não fazem o controle ideal e selecionam parasitas resistentes com o passar do tempo. Também não é recomendado trocar o anti-helmíntico após cada aplicação, pois essa prática aumenta a resistência a médio prazo. O vermífugo só deve ser trocado quando ele deixar de ser eficiente no controle da verminose.

Para a pesquisadora da Embrapa, o tratamento ideal deve ser feito após a pesagem do animal em balança, para que não sejam aplicadas doses em quantidades erradas. E o anti-helmíntico só deve ser trocado quando ficar comprovado que ele perdeu o efeito, o que o produtor pode verificar pelo teste de redução da contagem de ovos nas fezes (TRCOF), que deve ser feito pelo menos uma vez por ano. Esse é um teste pouco oneroso, feito com

exames de fezes dos animais antes e depois de terem recebido o vermífugo.

Fazer a escrituração zootécnica do rebanho é outra medida simples de manejo para reduzir a resistência. Determinar quais animais foram tratados e o número de doses, anotar data de nascimento, peso e estado reprodutivo, são medidas que permitem fazer o tratamento seletivo. Segundo o estudo, a escrituração é feita em apenas 60% dos rebanhos em São Paulo.

O tratamento seletivo é feito principalmente pelo método FAMACHA®, retirando, por descarte, animais que necessitem ser tratados mais de 4 vezes no período de 6 meses.

Também é importante utilizar raças mais tolerantes à verminose e oferecer alimentação adequada de acordo com a categoria do animal.

Assessoria de Imprensa da EMBRAPA Pecuária Sudeste



ART - Garantia de vantagens e dever do engenheiro

Instituída pela Lei Federal n.º 6.496, de 7 de dezembro de 1977 e pela Resolução n.º 1025/09 do CONFEA (Conselho Federal de Engenharia e Agronomia), a emissão de ART (Anotação de Responsabilidade Técnica) é obrigatória a todo engenheiro e demais profissionais da área tecnológica.

A emissão de ART independe de o profissional ser autônomo, empregado ou proprietário de pessoa jurídica ou mesmo de o contrato ser por escrito ou verbal. Todo contrato exige o recolhimento de ART.

A ART deve ser preenchida a cada serviço prestado. Além disso, toda vez que o engenheiro muda de cargo ou função na empresa, precisa-se efetuar o recolhimento de nova ART para o novo cargo ou função assumido.

Uma vez emitida, a ART

fica registrada no CREA-SP e o profissional começa a formar seu currículo de forma legal e oficial, que pode servir para concursos, consultorias, através da CAT (Certidão de Acervo Técnico).

O referido documento funciona como um atestado por serviços prestados e pode ser solicitada ao CREA de sua jurisdição a qualquer momento pelo interessado.

Além disso, a ART serve como instrumento de fiscalização do exercício profissional.

A responsabilidade técnica de cada profissional estaria assegurada com a emissão, preenchimento e pagamento da ART. Não apenas porque os dados ficam registrados no Conselho, mas também porque a ART não é aceita se houver incompatibilidade entre as atividades desenvolvidas e atribuições em cada área.

Atualmente, a emissão de ART está funcionando em um novo sistema implantado pela CREA-SP, denominado "CREANet". Como é um sistema novo e houve algumas alterações no preenchimento da ART, as unidades do Conselho, incluindo São Carlos, disponibilizam computadores e funcionários para auxílio aos profissionais que necessitarem. Basta entrar em contato.



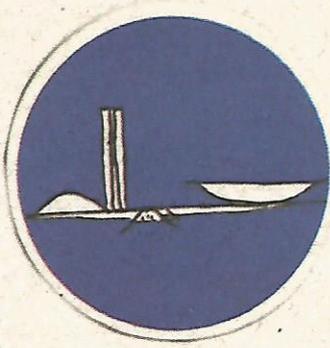
Téc. Eletrônica Rafael August Thomaz de Moraes
Chefe da UGI-São Carlos
CREA-SP



ART On-line

Preencha o Código 050 e colabore com nossa Associação. O CREA-SP repassa 100% para a Entidade quando o Código é preenchido.

Contribua com nossa categoria profissional.



Arquitetura

ROBERTO LOEB PARTICIPA DA VI SEASC



Roberto Loeb, Reginaldo Peronti e Luis Capote

Durante a 6ª Semana de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de São Carlos, contamos com a presença do Arq. Roberto Loeb, que proferiu uma palestra abordando a temática da construção sustentável.

Formado há cerca de 47 anos pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie, Loeb acumula em seu currículo grandes projetos, como o da fábrica da Natura, Edifício Sede da H. Stern, World Trade Center em São Paulo, modelo padrão para o Sistema Poupa Tempo, Casas Pernambucanas, Gessy Lever, entre outros. Possui ainda diversas premiações, inclusive a de Arquiteto do Bem, que recebeu em 2003 da prefeita da cidade de São Paulo, Marta Suplicy, por seus projetos sociais, para moradores em situação de rua ou de risco, Projeto Oficina Boracéia, Minha Rua Minha Vida e Projeto Anchieta.

Aproveitamos a oportunidade para conhecer um pouco mais de sua carreira e seus projetos, confira.

Uma referência no mercado nacional, considerado um dos principais nomes da arquitetura, certamente possui uma trajetória profissional repleta de boas histórias. Poderia compartilhar conosco como foi o início de sua carreira e os principais momentos que a marcaram?

Roberto Loeb: Iniciei a vida profissional tendo como referência arquitetos que foram verdadeiros mestres e mentores, o que foi fundamental para a minha formação. São eles o Rino Levi, o Fabio Penteadado e o Telesforo Cristofani. E sem dúvida, meu pai Alexandre Loeb, joalheiro, que me inspirou com seus desenhos e dedicação à profissão.

Ao longo de sua vida profissional e dentre tantos trabalhos, percebemos um número significativo de projetos comerciais. A opção por essa área se deu naturalmente? Quais os motivos que o fizeram declinar para o setor?

Roberto Loeb: Não foi escolha ou opção. Sempre me interessei pela diversidade de temas que o trabalho de arquiteto proporciona. Projetos comerciais inovadores, acabaram por abrir oportunidades para outros projetos de natureza semelhante.

A questão da sustentabilidade é muito presente em seus projetos, dentre eles o da Natura, essa é uma preocupação constante em seu trabalho?

Roberto Loeb: Sempre respondo, quando me fazem este tipo de pergunta que sempre, e naturalmente, trabalhei neste sentido pois faz parte da formação. Os arquitetos de forma geral, sempre projetaram de forma sustentável, antes mesmo da organização sistemática do tema.

Qual, dentre seus projetos, seria seu preferido?

Roberto Loeb: Sempre os que ainda estão na prancheta ou no processo de construção. Agora, 2012 é o data Center do Santander, a Sicpa e a Knorr-Bremse.

Com relação à profissão, qual a sua opinião quanto à arquitetura no Brasil?

Roberto Loeb: Uma necessidade urgente e inadiável de interferir politicamente, tecnicamente e criativamente nos projetos de desenho urbano e arquitetônico das cidades do Brasil.

Recentemente foi criado o Conselho de Arquitetura e Urbanismo para defender os interesses dos arquitetos e urbanistas brasileiros. O que você pensa sobre isso? Quais são os benefícios que trará à profissão?

Roberto Loeb: Foi uma luta de muitos anos, que culminou com a criação do "CAU". Devemos perseguir soluções que ampliem a participação de arquitetos / urbanistas, no projeto de construção e reconstrução de espaços dignos, acolhedores e contemporâneos para o nosso povo.

A AEASC é uma associação que busca manter o profissional atualizado às novidades do mercado, por conta disso, criou a Semana de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de São Carlos, evento que agrega a Feira da construção e o Ciclo de Palestras, no qual contamos com sua presença. Como você vê essa iniciativa?

Roberto Loeb: Muito importante!! É o caminho para a solidariedade e a realização de intercâmbios que possibilitem uma ação mais efetiva no caminho de construir espaços mais inclusivos e esteticamente belos e de acordo com a cultura Brasileira.

Por Simone HDS





CONSTRUÇÃO SUSTENTÁVEL: AGREGA VALOR E REDUZ CUSTOS DE OPERAÇÃO

Foto: Celso Lopes



Durante o ciclo de palestras da 6ª SEASC contamos com a presença da Arq. Maria Carolina Fujihara, formada pela Universidade Mackenzie, atuou em diversos projetos para certificação LEED no país, hoje é Coordenadora Técnica do GBC Brasil, e trabalha com os grupos de profissionais diretamente para a adaptação da ferramenta de certificação para o Brasil, com frentes de trabalho nacionais e internacionais.

- Qual é a importância de obter a certificação LEED?

O LEED hoje é a marca de certificação de maior reconhecimento no mundo. Ela atua diretamente em mais de 130 países e o Brasil está em quarto colocado no ranking mundial desta certificação, seguindo EUA, China e Emirados Árabes. É uma certificação com forte reconhecimento pelo mercado brasileiro, pois os prédios certificados além de possuírem uma preocupação efetiva com o meio ambiente, aumentam seu valor por metro quadrado e aumentam a velocidade de ocupação

em comparação a prédios comuns. Promovem diversos benefícios para o meio ambiente e a saúde de seus ocupantes, além de reduzirem custos de operação e manutenção.

- Quais os procedimentos a serem tomados para adquirir a certificação?

A certificação em si, é um processo simples de ser abordado. Inicialmente, é feita a inscrição pelo site do USGBC, em seguida, dá-se início às reuniões com as equipes de projeto e construção, para avaliarem quais créditos serão alcançados e quais estratégias serão utilizadas. O próximo passo é enviar os créditos já preenchidos para análise inicial de projeto. Após o primeiro envio, outras reuniões de projetos são necessárias e posteriormente acontece o segundo envio dos créditos na fase de construção final. Após conclusão da obra, o edifício passa por um treinamento para ocupação, pré-operação e entrega. Cerca de 4 a 6 meses após a submissão dos créditos finais, o edifício receberá a análise de sua certificação, com o nível atingido.

É importante ressaltar dois pontos desse processo: o cronograma de envio de créditos para análise da certificação varia conforme o tamanho do projeto e a intenção do proprietário e investidor. Este é um processo muito importante que deve ser feito em conjunto com todas as equipes participantes, incluindo arquitetos, engenheiros, instaladores,

empreendedores, construtores, proprietário, etc. pois é somente com a atuação conjunta de todos os agentes da construção, que os níveis de excelência em projeto e obra podem ser alcançados.

- Em média, qual é o aumento dos custos de uma edificação verde em relação à tradicional?

Calculamos em média de 1 a 2% de aumento de custos iniciais para um edifício comercial, que podem ser abatidos já durante a fase de obra, conforme o bom planejamento e engajamento dos profissionais contratados. Porém, durante a fase de operação do edifício, onde são gastos 75% dos custos totais de um edifício, prédios verdes podem chegar em até 10% de redução de custos, em função das estratégias adotadas.

- Qual é a posição do Brasil no ranking mundial de construções sustentáveis?

O Brasil está em quarto lugar no ranking mundial. Em primeiro está os Estados Unidos, seguido de China e Emirados Árabes. Este ranking avalia projetos registrados na certificação LEED conforme dados do GBCI.

- As constantes discussões acerca da sustentabilidade mudou a forma



Foto Arquivos Arq. Maria Carolina Fujihara

como os consumidores enxergam as empresas e tornou-os mais exigentes. Você acredita que a certificação se tornou um diferencial que agrega valor aos imóveis?

Com certeza. Não só agrega valor como reduz custos de operação e este é um valor de peso a ser avaliado hoje em dia. Acredito também, que a preocupação com prédios eficientes tem crescido, pois temos nos deparado com tantas notícias referente à produção e geração de energia no país por exemplo, que a criação de prédios eficientes energeticamente se torna essencial para um país que esta em sua maior fase de crescimento e implantação de novos edifícios. Pouco adianta investir em desenvolvimento energético, se os prédios continuam consumindo muita energia ao longo de sua vida útil, que pode variar de 40 a 100 anos. Podemos avaliar ainda outros critérios relacionados a certificação como eficiência de água e recursos, baixa geração de resíduos,

busca de materiais de baixo impacto; bem como outras tipologias de edifícios certificados, como por exemplo, certificação de edifícios existentes, um mercado a ser muito explorado ainda.

- Qual é a perspectiva da Green Building Council Brasil com relação à expansão deste conceito no mercado brasileiro?

O GBC Brasil trabalha com diversas frentes de atuação e uma das principais é a questão da capacitação técnica dos profissionais no mercado brasileiro, assim como a disseminação de conceitos informativos sobre a certificação. Temos investido cada vez mais no desenvolvimento de cursos referentes, pois existe ainda um grande gargalo em função da atividade profissional neste setor. Existem muitos projetos e obras em andamento e o número de profissionais atuantes não é compatível. Acreditamos que ainda falta uma certa

visão sistêmica por parte dos indivíduos de buscarem se profissionalizar e se desenvolverem nesta área que só tende ao crescimento, no Brasil e no mundo.

- Como você vê iniciativas como a da AEASC de trazer esses esclarecimentos para profissionais e estudantes da área?

Apoiamos de todas as maneiras! A divulgação destes conceitos, bem como a criação e desenvolvimento de cursos é essencial para o engajamento do setor. Qualquer profissional que estiver buscando se profissionalizar, pode buscar informações no site do GBC Brasil ou entrar em contato conosco, que teremos o prazer de passar as informações necessárias.

Por Simone HDS

VI Semana de Engenharia Arqu

A 6ª Semana de Engenharia, Arquitetura e Agronomia reuniu diversas pessoas na sede da AEASC para...
O evento, que faz parte do calendário oficial da cidade e já se consagrou como referência na região, teve...
e Debates.

Paralelamente às discussões tivemos também a Feira da Construção, com cerca de 20 expositores apres...
fornecedores, com produtos variados desde insumos básicos até objetos de decoração.



Construção e Agronomia de São Carlos

...tir e analisar a situação da construção civil.

...o eixo temático principal a questão da sustentabilidade aplicada à construção civil, debatida durante o Ciclo de Palestras

...No as novidades para o setor da construção civil. Durante os 5 dias de evento, os visitantes tiveram contato com vários



Solenidade de



abertura da VI SEASC





Engenharia

ENGENHEIROS E SUA POLÍTICO, ECO

A Engenharia no Brasil tem sua história gravada por fatos, atos e decisões que representam registros altamente meritórios, sendo reconhecida mundialmente sua participação em inúmeras obras de alta relevância. Entretanto, na condição de um país-colônia, o desenvolvimento político-econômico e social se faz ainda, via de regra, tardio e a reboque das demandas de interesse do capital internacional, de modo que nossa experiência em engenharia se dá reativamente, a partir da aprendizagem compartilhada junto aos interesses da matriz internacional, detentora do conhecimento original. Além de a Engenharia Militar, sempre presente desde as fases colonial e imperial até nossos dias, tivemos na presença dos engenheiros ingleses que aqui estiveram, nos fins do séc.XIX até meados do séc.XX, e aqui se fixaram a serviço das companhias mineradoras, elétricas e ferroviárias preponderantemente, o modelo de atuação profissional em engenharia. De origem colonialista, sua postura era, via de regra, autocrática e receptiva a toda sorte de honrarias e mordomias. Casa senhorial, servidores taifeiros, motorista, vagão especial para locomoção ferroviária com suas cabines-dormitórios, salões e cozinha própria e a pronta disposição de tornarem alvo das homenagens das pessoas ao seu redor, mantido os devidos distanciamentos. Comumente eram chamados de doutor, título que aceitavam em bons termos, por permitir tratamento senhorial. Vindos de países colonialistas, geralmente

de regimes autocráticos ou monárquicos, onde o prestígio da aristocracia era um ponto forte e as relações interpessoais convenientemente distanciadas. Nossos primeiros engenheiros, igualmente tiveram sua formação na Europa, em tais ambientes. Assim, estabelece-se um comportamento de aristocratas e centralizadores em torno da figura do "Sr.Doutorengenheiro".

Muitas obras de destaque, de origem inglesa, representam essa época, como o Viaduto de Santa Efigênia, a Estação da Luz ou o Teatro do Amazonas, além da presença do traço nas obras da Estação de Mayrink, da Sorocabana ou da Estação Julio Prestes. A implantação das ferrovias cabe dizer, foi feita no Brasil, sem rigor estratégico de interesse nacional, visto que recebemos todo o equipamento motor, rodante ou de carga e controle, das desativadas vias férreas europeias, que foram, estas sim, integradas e padronizadas em bitola única, fato que conferiu ao continente europeu enorme vantagem logística. Fomos instalando trechos ferroviários em atendimento às demandas do café ou da produção agrícola, a partir de decisões locais dos senhores do café, adquirindo com aparente vantagem naquela ocasião, os descartes ferroviários, financiados ou trocados, muitas vezes, pelo próprio café exportado. Na área militar recebemos a nossa cota de participação com equipamentos bélicos remanescentes da II Guerra.

Esta prática de aceitação de descartes obsoletos prevalece até hoje, como no caso do porta-aviões São Paulo, e depois, de Minas Gerais e das inúmeras

REPRESENTATIVIDADE NOS MEIOS ECONÔMICO E SOCIAL (PARTE I)

tentativas de nos impingirem outros tantos, como às quarenta e nove locomotivas francesas, depositadas em suas caixas em Araraquara, o Projeto do Café de reequipamento das universidades paulistas com material da Alemanha Oriental, o famoso trem húngaro, o projeto Brasil-Israel, também para as universidades, o projeto do submarinos atômicos franceses e agora talvez, o Trem-Bala, mais uma recorrência poética e pontual.

Estão visíveis os resultados do Programa Federal-Promef de recuperação do parque naval brasileiro, cujo primeiro resultado obtido, com anos de atraso, resultou no navio petroleiro João Candido, inaugurado no Governo Lula, que jamais chegou ao mar ou do navio Celso Furtado, cujo nome de batismo não condiz com a figura do brilhante economista, lançado ao mar em junho do ano passado, que jamais recebeu carregamento.

Cabe reforçar o desastroso caso da Chevron, nestes dias, na Bacia de Campos, com uma plataforma reconhecidamente obsoleta e inadequada a operar em grande profundidade ou a construção da Companhia Siderúrgica Atlântico-CSA, com seus mais de 600 engenheiros chineses operando no Rio de Janeiro, sem nenhum critério de homologação ou credenciamento a profissionais estrangeiros. Na década de 50, com a introdução no Brasil na fase taylorista-fordista de produção de bens de consumo, de bens duráveis e de bens de capital repetiu-se a receita e recebemos toda sorte de projetos obsoletos, tanto de produtos finais como dos equipamentos e processos, tendo os empresários locais a

incumbência de buscar, sob total patrocínio do governo federal, seus novos parceiros. Isso significou que entramos com pelo menos, 60 anos de atraso na 2ª. Onda Industrial, definida por Toffler, e pagamos por isso, os altos preços de aquisição de equipamentos sucateados, como sendo novos, e de projetos sucateados, como inovadores, dado nosso atraso.

Capitalizamos nossos credores-parceiros e pior, produzindo mal e oferecendo produtos já defasados só nos restava os mercados secundários: o interno, com uma enorme demanda reprimida e pouco exigente é os da África e da América do Sul. Pior ainda, o fato de os empresários terem se alinhado com o capital internacional, seus sócios, em detrimento dos trabalhadores, ainda em organização sindical, o que representou enorme vantagem para o Capital, frente à incipiente nova classe trabalhadora de então.

Assim, desenvolve-se esta categoria profissional envolvida em decisões político-econômicas tomadas muito além do seu nível de decisão, de modo a envolvê-lo e a exigir desempenhos em elevados padrões, não em nível de criação ou de concepção, mas de absorção, domínio e operacionalização, buscando resultados no interesse do capital e não, exatamente as melhores soluções sociais. Voltaremos ao assunto...

Alfredo Colenci Junior

colencijr@yahoo.com.br





MEMÓRIAS DO

Há 50 anos - dia 15 de junho de 1962 - os bondes elétricos da GPE (Companhia Paulista de Eletricidade) deixavam de circular em São Carlos. Encerrava-se o contrato assinado em 1912 entre a empresa e o governo municipal.

A crônica transcrita a seguir foi publicada no "Correio de São Carlos" de 15/06/1962 por Enéas Camargo (119119-1964), último dia em que os "vermelhinhos" trilharam na cidade:

"(“.) Um dos acontecimentos marcantes da vida urbana de São Carlos, nos últimos decênios, foi, por certo, a inauguração dos bondes elétricos - sucessores dos arcaicos bondinhos puxados a burro que, por volta de 1895, o Cel. Leopoldo Prado fez circular,

para gáudio dos espíritos progressistas e desespero dos saudosistas. Mas, veio uma epidemia de febre amarela, a cidade ficou paralisada e a linha de bondes deixou de funcionar. A instalação dos bondes elétricos, conforme contrato assinado entre a municipalidade e o Sr Argeo Vinhas e empresa concessionária, foi o acontecimento mais importante para a cidade, no período 1912-14, sem esquecermos outros fatos igualmente históricos, tais como o planejamento da bitola larga da CP (concretizada em 1916), a diplomação da primeira turma de professores, a fábrica de tecidos 'Madalena', a inauguração do Derby Clube, do Politeama, da Casa de Saúde, da escola particular de Farmácia...

Com as linhas de bondes (importados



Foto NI.



Foto Rena
Último dia do b

BONDE EM SÃO CARLOS

MARCO BALA

da Bélgica), São Carlos, que já se orgulhava de seus cafezais, das exposições agropecuárias e tantas outras coisas, passou à categoria de terceira cidade do Interior. E isso, como não podia deixar de acontecer dentro do espírito da época, o fato foi cantado em prosa e verso pelos beletristas locais, quer nos discursos flamejantes nas praças públicas, como nas tertúlias cívico-literárias de 'Caldeirão' (ponto de encontro dos líderes da cidade) ou nos jantares regados a champanhe, do Hotel Henrique.

Se for verdade que a topografia da cidade muito contribuiu para que o problema do transporte coletivo fosse logo encarado, não é menos certo que os 'tramways' ou 'americanos' (como alguns chamavam os bondes) em São Carlos foram produto da

'urbs', ainda hoje perfeitamente visível, bastando lembrar que a cidade não tem propriamente um centro urbano, mas uma série de 'centros'. Não bastaria esse fator ecológico, porém, para justificar a instalação das linhas de bondes. Era preciso que atrás do entusiasmo dos homens de proa na política e na administração, afora o lirismo dos oradores e poetas, houvesse um clima que tornasse possível essa 'extravagância' ou 'fantasia irrealizável', como opinavam os pessimistas com relação aos bondes. Esse clima, quem o proporcionou foi o café, o mesmo que construiu os palacetes da época em Campinas e Ribeirão Preto e matriz de Jaú.

Registremos isso, agora que o 'bonde da alegria' vai virar o 'bonde da saudade' (...)"



ENGENHO E ARTE

MARCO BALA

É claro meu caro tramway
Que em tua constituição
Possuis a arte e o engenho
Da ciência que da natureza
Destila o humano empenho
Para facilitar o fluir da vida

Mas vede só que beleza
O fruto do engenho e da arte
Da pena de Olney de Souza...
É a via que tanto cruzaste
Ao longo de meio século
Até que tu te aposentaste !!!

"Ao luar de moço já não te
pásseio
Nem ao sol de menino te ando
agora,
Antes és tu, que passas na minha
alma.
- Veículo pesado de lembranças

Tuas ladeiras descem na minha
alma
Toda uma carga de
reminiscências,
Que te desferem múltipla num
jogo
De armar nas longas áreas da
memória.

E, neste jogo, és plástica,
Avenida.
As pedras que te fluem saltam
correm
De um insólito estojo que se
amplia
E vão nascendo novas velhas
peças.

Tuas paisagens corem várias
cores
Estira-se em compacto azul e
branco
Para a seguir bordar-se do
vermelho
Em que logo se esvaem teus
velhos bondes.

Às vezes é uma loira cabeleira
Que te começa ao fundo da
memória:
Surges em cores quentes, porém,
logo
Uma abolida lua te resfria.

Fluis um carro alegórico e
iluminam-te
Rodos-metálicos, confetes,
serpentinhas;
Ms um carro feral indo de
encontro,
Passa a borracha sobre fantasias.

À vezes estás nua na lembrança
Tapete cinza como qualquer rua.
Contudo, o mago que me existe
na alma
Retira da algibeira uma lanterna

Então te acendes toda.
Reverberas
Naquela noite em que a 'marche
aux flambeau'
Foi uma longa serpentina furta-
cor
Que o teu traçado de ladeiras
permitia.

Avenida de aclives e aclives
Sobes do fundo da minha
memória
Toda uma cópia de reminiscências
Que eu desço agora, ao nível das
palavras.

Ao nível das palavras, te saúdo,
Dentro das lindes de uma
evocação,
Que te figura sob o luar do moço
Ou sob o sol nascente do menino"

"Avenida", Olney Borges P. de
Souza, A Tribuna, 15.07.1984



Foto Porceno Marino.
Década de 1950. Av S. Carlos

DIA DO AGRÔNOMO

CONFRATERNIZAÇÃO DA VI SEASC

Fotos Celso Lopes

